



LABORATÓRIO DE TECNOLOGIAS INTELECTUAIS - LTI
<<http://dci.ccsa.ufpb.br/liti>>

Coordenadora: Profa. Dra. Isa Maria Freire

EM PARCERIA COM O LYCEU PARAIBANO – Fundado em 1836

Projeto NA TRILHA DO FUTURO

Plano de trabalho

COMPETÊNCIAS PARA ENSINO VIRTUAL

Professor responsável:

Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire
Departamento de Ciência da Informação

Bolsista PIBIC:

Catarina Strapação Guedes Vianna
Curso de Biblioteconomia

RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade desenvolver uma política de informação que leve a inclusão digital e social no contexto escolar em turmas do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual Liceu Paraibano. Utilizando vídeos educativos, disponíveis gratuitamente na internet, realizamos um banco de dados com estes documentos para serem consultados pelos alunos e professores do ensino médio, como suporte para as aulas e revisão de conteúdos. Os documentos áudio visuais foram selecionados a partir de um levantamento do que já tinha sido e seria estudado em sala de aulas pelos professores.

Palavras-Chave: Inclusão digital. Escola Estadual Liceu Paraibano. Vídeos educativos.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa foi desenvolvida durante o segundo semestre do ano de 2011 e primeiro semestre de 2012.

A princípio realizamos os levantamentos bibliográficos, com a leitura de artigos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e livros. Essas leituras foram referentes à temática do Projeto **COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO PARA INCLUSÃO SOCIAL: uma ação informativa na perspectiva do regime de informação**.

As leituras com maior ênfase foram os artigos de ASSAMANN (2000): “A metamorfose do aprender na sociedade da informação”, FREIRE (2004): “Comunicação da informação em redes virtuais de aprendizagem” e GONZALEZ DE GOMEZ (2002): “Novos cenários políticos para a informação”. Outros artigos sobre ciência da informação, gestão da informação e interdisciplinaridade da ciência da informação também foram revisados.

Os objetivos específicos da pesquisa que visavam atender a um dos aspectos do objetivo geral, os quais deveriam ser desenvolvidos conforme cronograma de atividades:

- a) Levantamento do espaço físico da escola, visando identificar possíveis espaços para produção e armazenamento de informações.
- b) Constituição dos grupos de pesquisadores-participantes: professores e alunos.
- c) Treinamento em tecnologias digitais necessárias para desenvolver nos participantes competências para ensino virtual (Plataforma Moodle).
- d) Planejamento das ações para produção de aulas virtuais temáticas na plataforma Moodle.
- e) Produção, com professores participantes da pesquisa, de aulas virtuais temáticas para Turma da 9ª série (previamente selecionada).
- f) Adoção de instrumentos de gestão e comunicação da informação digital no ambiente Moodle, no sentido de manter todos os atores envolvidos atualizados com o desenvolvimento da pesquisa.
- g) Avaliação, com os participantes, o desenvolvimento e os resultados da pesquisa, no que diz respeito ao ensino virtual.

Após as revisões bibliográficas começamos a trabalhar com os repositórios digitais, a princípio a Plataforma Moodle, e as produções de aulas virtuais.

Na segunda etapa do projeto ações efetivas foram realizadas no Liceu Paraibano, escola escolhida para o desenvolvimento do projeto. Uma aluna do segundo ano do ensino médio foi escolhida para ser bolsista EM e participar das atividades realizadas. A aluna em questão foi escolhida pela direção da escola pelo seu comprometimento nas aulas.

Durante um mês realizamos um treinamento com a bolsista EM na pesquisa, seleção e descrição dos vídeos educativos. Posteriormente estes mesmos vídeos foram disponibilizados

para os estudantes do Liceu Paraibano.

Também outras duas alunas da Universidade Federal da Paraíba, voluntárias no projeto, fizeram o treinamento para a seleção e descrição de vídeos educativos.

2 METODOLOGIA

A escolha da pesquisa-ação traduz a tentativa de abordar a comunicação da informação como ação transformadora, no sentido que lhe atribui Araújo (1994), criando espaço para intervenção empírica em uma dada situação. A pesquisa-ação supõe uma participação e uma forma de ação planejada que atinja os vários elementos das atividades humanas – diretamente relacionada à presente proposta, na medida em que viabiliza a ação coletiva pautada pela resolução de problemas e por objetivos de transformação.

Segundo Thiollent, a pesquisa-ação “consiste essencialmente em acoplar pesquisa e ação em um processo no qual os atores implicados participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos” (THIOLLENT, 1997, p. 15). Nessa perspectiva, entende-se por “ator” qualquer grupo de pessoas dispendo de certa ação coletiva consciente em um contexto social delimitado, podendo designar tanto os grupos informantes no meio de uma organização quanto os grupos formalmente constituídos e “participação” é encarada como propriedade emergente do processo e não como *a priori*.

Buscando uma visão sintética, Dubost examinou várias concepções de pesquisa-ação vinculadas à tradições norte-americanas e europeias, formulando sua própria definição como “ação deliberada visando a uma mudança no mundo real, realizada em escala restrita, inserida em um projeto mais geral e submetida a certas disciplinas para obter efeitos de conhecimento e de sentido.” (Dubost, 1987 citado por Thiollent, 1997, p. 35). Ele descreve, resumidamente, as cinco principais características da pesquisa-ação:

1. Trata-se de uma experiência (...) que se inscreve no mundo real, em uma história concreta e não apenas no mundo do pensamento; os atos dos agentes adquirem o caráter de acontecimentos para todos aqueles que estão implicados; deste ponto de vista, cada operação tem um caráter irreversível.
2. Esta experiência se desencadeia em escala restrita; essa limitação pode ser o resultado do caráter local ou de aplicação de um princípio de amostragem (...).
3. Como a 'ação deliberada' que visa a uma mudança efetiva dos grupos e zonas consideradas, ela (a pesquisa-ação) define-se pelos objetivos que podem ser fixados quer pelos proponentes do projeto e as instâncias centrais de poder que lhes dão uma posição de autoridade sobre a população considerada, quer pelo conjunto ou subconjunto dos indivíduos e grupos implicados no processo quer ainda por um processo de negociação entre os diferentes atores implicados.

4. Desde seu início ela é planejada para produzir ensinamentos possíveis de generalização, para guiar ações ulteriores ou evidenciar princípios ou leis; ela tenta dispor de capacidades de antecipação relacionadas com um projeto mais geral que a engloba, situado em outra escala espacial e temporal e cujos aspectos podem ser modificados, posteriormente em função dos resultados.

5. Ela deve aceitar certas disciplinas, regras ou dispositivos, possibilitando a observação, a coleta de informação cujo processamento condiciona a produção de resultados, o controle e a avaliação dos efeitos. (DUBOST, citado por THIOLENT, 1997, p. 35)

No presente projeto integramos a esta abordagem a visão cooperativa de Desroche (1990), que define a pesquisa-ação como uma pesquisa:

(...) na qual os autores de pesquisa e os atores sociais se encontram reciprocamente implicados: os atores na pesquisa e os autores na ação. No limite, esse dois papéis tendem a identificar-se em uma só instância de operação. (...) na pesquisa-ação os atores deixam de ser simplesmente objeto de observação, de explicação ou de interpretação. Eles tornam-se sujeitos e parte integrante da pesquisa, de sua concepção, de seu desenrolar, de sua redação e de seu acompanhamento. (DESROCHE, 1990 citado por THIOLENT, 1997, p. 36)

Tema central da metodologia de pesquisa-ação, a articulação entre pesquisa e ação é concebida por Desroche de modo diferenciado e em função de uma tipologia das formas de participação. Dessa forma, como pesquisa inserida na ação, a pesquisa-ação comportaria três aspectos simultâneos:

a) Pesquisa sobre os atores sociais, suas ações, transações, interações; seu objetivo é a explicação;

b) Pesquisa para adotar de uma prática racional as práticas espontâneas; seu objetivo é a aplicação;

c) Pesquisa por, ou melhor, pela ação, isto é, assumida por seus próprios atores (autodiagnósticos e autoprognoísticos) tanto em suas concepções como em sua execução e seus acompanhamentos; seu objetivo é a implicação. (DESROCHE, 1990 citado por THIOLENT, 1997, p. 37)

Para Thiollent, a simultaneidade desses três passos impede que a pesquisa-ação seja confundida com a “observação participante” que se limita a uma pesquisa sobre. Ele lembra que o uso do termo **explicação** deve incluir o conceito de **compreensão**, associado às ideias de transpor conhecimentos gerais de uma teoria para o contexto concreto, pois nem sempre uma teoria dá conta dos problemas da situação em estudo e melhor pensar a pesquisa como relação entre teoria e prática. No que diz respeito à **implicação**, ele distingue duas características principais: a efetividade do relacionamento entre pesquisadores e atores, e a

clareza dos posicionamentos de cada parte envolvida na pesquisa no plano ético.

O processo envolve contato permanente entre os participantes da pesquisa (pesquisadores e usuários), sendo que o primeiro momento é dedicado ao conhecimento preliminar da realidade, de modo a identificar o que Goldmann (1970) denomina “informação prévia”. Desta ação, resulta a formação de um grupo de trabalho que, no segundo momento, identifica, na comunidade, os “temas geradores” do conteúdo do instrumento. Os temas levantados e sua pertinência são discutidos pelo grupo, à medida em que a interação entre pesquisadores e usuários da informação favorece a reflexão crítica sobre temas, que se abrem na direção de outros temas. Desta forma, a “informação prévia” da comunidade será gradualmente incorporada ao instrumento em construção e o processo trabalha, a “consciência real” e a “consciência máxima possível” dos participantes da pesquisa. Nesse sentido, ela oferece oportunidade para que a comunidade possa participar da análise da sua própria realidade. Assim pode ser utilizada como uma abordagem “que poderia resolver a tensão contínua entre o processo de geração de conhecimento e o uso deste conhecimento, entre o mundo acadêmico e o irreal, entre intelectuais e trabalhadores, entre ciência e vida” (DEMO, 1986, p. 126)

O principal equipamento utilizado na pesquisa foram os computadores, tanto para trabalharmos com os repositórios digitais como para o planejamento das aulas virtuais e pesquisa de documentos áudio visuais.

Para a seleção dos vídeos educativos, com os quais realizamos um banco de dados, utilizamos, principalmente, o site *Youtube*. Pesquisamos os vídeos de nosso interesse com palavras-chave e sobre o assunto. Cada vídeo assistido e selecionado para fazer parte do banco de dados, é indexado, classificado e catalogado. Terminamos o projeto com 31 vídeos.

A indexação do conteúdo do documento áudio visual é realizada por quem assistiu o vídeo, com palavras que representam o conteúdo do documento. A classificação é realizada a partir do índice realizado anteriormente. No caso dos vídeos em questão, classificamos segundo o conteúdo do segundo ano do ensino médio:

- a) Gramática
- b) Literatura
- c) História geral e do Brasil
- d) Geografia física do Brasil
- e) Química orgânica
- f) Física termologia
- g) Biologia genética

- h) Filosofia clássica
- i) Matemática circunferência trigonométrica

Para cada vídeo foi realizada uma ficha catalográfica com as seguintes informações:

- A. Título do vídeo.
- B. Pequeno resumo do seu conteúdo.
- C. Palavras-Chave.
- D. Link de acesso direto na internet.
- E. Data da postagem.
- F. Tempo de duração do documento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as revisões bibliográficas deveríamos começar as reuniões na escola escolhida, avaliando os espaços físicos disponíveis para uso do laboratório de armazenamento de informação. Devido um problema na instalação da Plataforma Moodle, nosso trabalho na escola foi atrasado. Com isso as reuniões e treinamentos com os professores e alunos foram adiadas.

Em paralelo outro contratempo surgiu, a Escola Estadual Presidente Médici não mais pode receber nosso projeto. Tivemos então que entrar em contato com outras possíveis escolas que tivessem o perfil de que necessitávamos. A escola escolhida, desta vez, foi o LYceu Paraibano, e mudamos nossa área de atuação, antes turmas do 9º ano do ensino fundamental, para turmas de 2º ano do ensino médio. Por esta época, já estávamos no fim do ano letivo das escolas públicas, então a primeira visita ao LYceu Paraibano foi apenas em janeiro.

Durante todo o primeiro semestre do ano letivo de 2012 o contato com a escola foi conturbado. Após os primeiros contatos com o LYceu a direção da escola mudou, o que dificultou o andamento do projeto. Também não conseguimos nos aproximar dos professores para o treinamento.

Segundo nosso cronograma de atividades deveríamos ter disponibilizado de dezembro de 2011 à março de 2012 as aulas virtuais, então planejadas, na plataforma Moodle. Como não conseguimos instalar a plataforma o planejamento das aulas foi a atrasado e posteriormente realizado sem a parceria dos professores.

PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS

II Fórum da Internet no Brasil – de 03 a 05 de Julho de 2012 – Olinda/PE.

XII Encontro Nacional da ABET – 21 a 23 de Setembro de 2011 – João Pessoa/PB

REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

DEMO, P. Elementos metodológicos de pesquisa participante. In: BRANDÃO C.R., (org) **Pesquisa participante**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREIRE, I. M. Acesso à informação e identidade cultural: entre o global e o local. **Ciência da informação**, v. 35, n. 2, p. 58-67, maio/ago. 2006.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da informação**, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002.

LAZARTE, L. Ecologia cognitiva na sociedade da informação. **Ciência da informação**, v. 29, n. 2, 2000.

MARCHIORI, P. Z. A ciência e a gestão da informação: compatibilidades no espaço profissional. **Ciência da informação**, v. 31, n. 2, maio./ago. 2002.

SARACEVIC, T. Interdisciplinary nature of information science. **Ciência da informação**, v. 24, n. 1, 1995.